



# INSTITUTO DOM BARRETO

Presidente de Honra: *Marcelio Flávia Rangel de Farias*

## TAREFA DE REFORÇO

PÁGINAS: 1/11

|                                               |                              |
|-----------------------------------------------|------------------------------|
| ALUNO (A) _____ Nº _____                      | DISCIPLINA: <b>Português</b> |
| 3ª SÉRIE _____ Ensino Médio _____ TURMA _____ | PROFESSOR(A): _____          |

(UFPE)

### TEXTO 1

## PRONTO PARA SER CONTRATADO

**Quem tem emprego pode perdê-lo. Quem é empregável, não.**

As regras que regem a manutenção do emprego vêm sofrendo ajustes ao longo do tempo. Antigamente, estavam associadas à *obediência*. A partir do pós-guerra (segunda

metade da década de 40), o discurso mudou e o emprego passou a estar ligado à *lealdade*. No fim da década de 70 e início da década de 80, a crise econômica começou a exigir uma dramática redução dos quadros das empresas. (...) tanto os obedientes quanto os leais foram cortados. A empresa quer saber de outro tipo de profissional: o empregável.

O empregável é aquele sujeito que se preocupa em acumular e manter atualizadas suas competências, o conhecimento e a rede de relacionamentos, de forma a ter sempre em suas mãos o arbítrio sobre o projeto de carreira. Veja, meu amigo, quanta coisa importante nesse conceito.

Em primeiro lugar, o emprego não lhe pertence mas a empregabilidade é sua, ninguém tira. E é uma capacidade dinâmica; evolui quando bem cuidada. A empregabilidade está baseada num tripé formado por competências, conhecimento e relacionamentos. Você precisa cuidar das três partes com igual carinho.

**Competências** – Lembre-se de que competência é aquilo em que você é bom e os outros acreditam. Para aumentá-la é preciso praticar. O mercado espera que você tenha várias

habilidades. Duas delas: lidar com pessoas, o que significa basicamente aprender a ouvir e a se colocar no lugar do outro; e manipular informações, sinônimo de saber ler e comunicar suas idéias.

**Conhecimento** – o conhecimento é hoje um grande desafio, pois está disponível sob várias formas e por vários meios. O importante é saber com clareza qual o conhecimento que

você está precisando adquirir ou utilizar. (...)

**Rede de relacionamentos** – Completando o tripé vem a rede de relacionamentos, que é o conjunto de pessoas que você conhece e com as quais se relaciona. (...) É uma das partes mais importantes da empregabilidade. (...) É a rede de relacionamentos que transmite para toda a sociedade sua imagem profissional e pessoal. É a rede de relacionamentos

que sustenta sua empregabilidade, sendo estatisticamente responsável pela esmagadora maioria das oportunidades de trabalho.

Quem tem baixa empregabilidade não decide sobre sua carreira. Anda a reboque, levado pelas circunstâncias, pela sorte ou pelo azar. Você não pode fazer isso com sua vida profissional.

(CABRERA, L.C. *Veja*, ano 33, nº 43, 2000.)

1. Pela compreensão do Texto 1, pode-se afirmar que:

0-0) o tema central é apresentado logo no primeiro período e uma das estratégias discursivas empregadas foi delinear sua evolução histórica.

1-1) no percurso do texto, o autor demonstra estar interessado em ganhar a adesão do leitor. Tratá-lo por 'você', em mais de uma passagem, é um indicativo dessa disposição.

2-2) o autor atribui o mesmo valor aos termos 'emprego' e 'empregabilidade', sugerindo, assim, a igualdade de funcionamento de ambas as coisas designadas por esses termos.

3-3) ao chefe da empresa pertence o arbítrio sobre o emprego; da empregabilidade, o sujeito é o próprio trabalhador, que a providencia e promove.

4-4) obediência, lealdade e competência constituem a tríplice exigência da empregabilidade requisitada desde antigamente.

"Existem sonhos fáceis, sonhos difíceis, mas não sonhos impossíveis." (*Legrand*)

2. Do ponto de vista lingüístico, são aceitáveis os comentários que se fazem a cada segmento destacado.
- 0-0) Em “A partir do pós-guerra (segunda metade da década de 40), o discurso mudou”, o trecho sublinhado indica um limite quanto à localização temporal do evento.
- 1-1) Em “Lembre-se de que competência é aquilo em que você é bom e os outros acreditam”, o complemento do verbo sublinhado foi omitido.
- 2-2) Em “manipular informações, sinônimo de saber ler e comunicar suas idéias”, à parte sublinhada é atribuído um valor de paráfrase.
- 3-3) Em “O conhecimento é hoje um grande desafio, pois está disponível sob várias formas”, o segmento em destaque é conclusivo em relação ao que é afirmado na oração anterior.
- 4-4) Em “Você não pode fazer isso com sua vida profissional”, o pronome sublinhado retoma, coesivamente, o trecho anterior do parágrafo.
3. Os enunciados abaixo estão conforme a norma padrão, em relação à concordância e à regência.
- 0-0) A rede de relacionamentos cultivados socialmente garantem a maioria das oportunidades de trabalho, mas não excluem às competências.
- 1-1) Vale ressaltar de que as competências de cada um se desenvolve desde que começam as experiências sociais.
- 2-2) Importa saber de que conhecimentos se dispõe e que conhecimentos convém adquirir. Na verdade, trata-se de responder aos desafios enfrentáveis por toda parte e a olhos vistos.
- 3-3) Quais de nós podemos desperdiçar as oportunidades de dirigir, por nós próprios, os projetos a que prendemos nossos anseios?
- 4-4) Alguém de nós podemos furtar-nos às exigências e ao dever de manter as competências atualizadas, sejam quais forem os setores de atuação?

## TEXTO 2

### O FUTURO JÁ COMEÇOU

De acordo com dados fornecidos pelo MEC, ingressam a cada ano no Brasil, em instituições de ensino superior, cerca de 470 mil pessoas. Elas se matriculam em um dos 5.600 cursos de graduação existentes, sendo que se formam, anualmente, cerca de 54% do total daqueles que ingressaram, isto é, algo em torno de 250 mil alunos.

A população brasileira é de aproximadamente 160 milhões de habitantes e, deste total, 30% (ou seja, perto de 50 milhões) têm até 15 anos de idade – quer dizer, no início do ano 2000, uma grande parcela deles estará começando seus estudos universitários.

Assim, devemos estar preparados, enquanto país e, especificamente, enquanto sistema de ensino superior, para tentar equacionar, como formulação de política para este nível de ensino, as seguintes indagações: O que ensinar aos jovens? Que espécie de instituições eles irão encontrar? A universidade vai conseguir prepará-los para o mundo do trabalho?

Acredito que, em primeiro lugar, é preciso ensinar aos jovens aquele binômio que o economista Cláudio Salm denomina como sendo dado pela *ciência* e pelo *poder*. Isso

porque o ingressante no mercado de trabalho irá se dirigir, provavelmente, para grandes unidades produtivas ou burocráticas, cuja tônica são as complexas hierarquias, em que “as relações de poder são difíceis de captar” e em que se nota a “incorporação crescente da ciência no processo produtivo”. E as leis da ciência e do poder não se aprendem olhando, se aprendem estudando. “Julgo ser esta”, acrescenta Cláudio Salm, “a melhor profissionalização que podemos dar a nossos jovens: transmitir a eles as bases da ciência e das articulações e formação do poder em nossa sociedade”.

(CATANI, A.M. O ensino superior no Brasil: perspectivas.

In: *Educação em debate*. São Paulo: Moderna, 1998, p.138-139.)

4. As sínteses abaixo são fiéis a idéias apresentadas pelo autor do Texto 2.

0-0) É necessário capacitar-nos para encontrar uma política de atuação que oriente o ensino superior oferecido à população brasileira.

1-1) A parcela dos alunos que ingressa na universidade corresponde à outra que conclui os estudos universitários; isto é, o fluxo entre a admissão e a saída de alunos mantém-se estável.

2-2) O ensino superior deve eleger parâmetros de equilíbrio entre teorias que otimizem a produtividade e teorias que otimizem o exercício das relações hierárquicas.

3-3) Chega-se às leis da ciência e às leis do poder pela observação empírica.

4-4) O processo produtivo está associado ao desenvolvimento científico assim como a prática administrativa está associada às relações de poder.

5. Considerando a forma como o Texto 2 está organizado, é aceitável afirmar que:

0-0) o autor encontrou apoio em dados de instituições oficiais para introduzir o núcleo temático de seu texto, que se inicia a partir do terceiro parágrafo.

1-1) corroborando sua pretensão de apenas basear-se em dados empíricos, o autor se esquivava de emitir suas próprias opiniões.

2-2) em nenhum segmento do texto, o autor se expressa quanto à obrigatoriedade de alguma recomendação. Pelo menos, não há pista lingüística que indique esse caráter de obrigação.

3-3) para uma tríplice indagação, o autor oferece uma resposta que implica uma duplicidade de elementos.

4-4) a resposta às indagações do autor especifica cada uma das questões, numa enumeração clara, cujos limites estão indicados no último parágrafo.



6. Os enunciados abaixo são paráfrases do Texto 3.

0-0) Omita o fato de que não acertamos. Diga-lhes que optamos por protelar nosso sucesso por um certo tempo.

1-1) Decidimos prorrogar nosso prazo para o sucesso, temporariamente, embora não houvesse erro nenhum de nossa parte; comunique-lhes isso.

2-2) Diga-lhes assim: a decisão foi de adiar o nosso êxito para mais tarde, visto que falhamos.

3-3) A postergação de nosso sucesso foi em função de termos optado por não falhar; isso é o que deve ser dito a eles.

4-4) Fomos ineficientes. Mas é preferível dizer-lhes que nosso êxito foi apenas protelado por algum tempo.

**TEXTO 4****ESCOLARIDADE INTERFERE**

A baixa escolaridade do trabalhador brasileiro é fator determinante para a falta de qualificação profissional. No Brasil, apenas 19% da mão-de-obra ativa completou o segundo grau. Tem mais. A média do nível de escolaridade da população acima de 25 anos no País é de 5 a 6 anos. Quando deveria alcançar uma média de 7 a 8 anos de frequência à escola. O tempo em sala de aula conta para o futuro profissional. Afinal, os trabalhadores com baixa escolaridade têm dificuldade de se reciclar.

Consequentemente, terão menor chance de uma vaga no mercado de trabalho. De acordo com o economista Alexandre Rands, estudioso das relações de trabalho, o problema é que caiu a qualidade do ensino no Brasil nos últimos anos. Há uma defasagem entre a educação, a renda per capita e o nível de desenvolvimento da população. “Estamos muito abaixo dos países nas mesmas condições de desenvolvimento”, disse. Segundo o economista, o país paga um preço muito alto pelo descompasso entre a aceleração da abertura comercial nos anos 90, e a falta de mão-de-obra. E o que é mais grave, leva à perda de eficiência das empresas que aqui se instalam. Ou seja, a qualificação profissional no País não acompanhou a velocidade da globalização e a chegada das novas tecnologias. (...) . Helena Arantes, consultora da área de Desenvolvimento e Avaliação de Talentos, confirma que a qualificação é um dos entraves na seleção de recursos humanos no País. O problema é identificado até mesmo numa vaga simples de recepcionista.

(*Diário de Pernambuco*, 22/10/ 2000.)

7. Considerando as idéias apresentadas no Texto 4, pode-se admitir que:

- 0-0) a responsabilidade dos que administram a geração e ocupação do mercado de trabalho é relativa. Há outros fatores que intervêm na seleção dos recursos humanos.
- 1-1) constata-se uma relação de interdependência entre os níveis de escolaridade dos brasileiros e as possibilidades de sua inserção no mercado de trabalho.
- 2-2) o ritmo acelerado da globalização encontrou sintonia com a chegada das novas tecnologias e com o empenho pela qualificação profissional.
- 3-3) a aceitação de que há vínculo entre escolaridade e profissionalização não tem o respaldo de vozes especializadas.
- 4-4) as questões de “vagas no mercado de trabalho” e de “eficiência dos trabalhadores nas empresas” refletem o equilíbrio entre educação e desenvolvimento.

8. Do ponto de vista da organização e composição do Texto 4, é coerente aceitar que:

- 0-0) o primeiro parágrafo apresenta o tema global do texto e, de certa forma, o sintetiza: o nível de escolaridade da população brasileira é baixo.
- 1-1) o último período do primeiro parágrafo estabelece com segmentos anteriores uma relação explícita de dependência semântica.
- 2-2) o segundo e o terceiro parágrafos começam com expressões sinônimas que, no texto, desempenham a função discursiva de introduzir a fala de outro.
- 3-3) no último período do texto, o autor deixa transparecer a idéia de que há escalas de complexidade no campo das profissões.
- 4-4) a seleção das palavras no texto indica que o autor optou por um registro eminentemente formal, sem marcas da oralidade informal.

## TEXTO 5

No princípio era o verbo



Com a chegada do Capitalismo, mudou o verbo do princípio



9. A partir da interpretação da charge, pode-se concluir que:

- 0-0) historicamente, as pessoas mantiveram os padrões de participação no setor do trabalho e, assim, preservaram a igualdade de condições de dele desfrutarem.
- 1-1) na charge, a dimensão de coletividade do trabalho está implicada no primeiro quadro, graças à flexão pronominal realizada e à reiteração do verbo.
- 2-2) a variação vocabular expressa no segundo quadro constitui uma das pistas a favor da idéia principal proposta pelo autor.
- 3-3) em “No princípio era o verbo” e em “mudou o verbo do princípio”, apesar da inversão ocorrida, a expressão ‘o verbo’ desempenha nas duas ocorrências a função sintática de sujeito.
- 4-4) o autor deixou implícita a circunstância histórica à qual se pode atribuir a causa das mudanças atestadas.

## TEXTO 6

## O TRABALHADOR INJUSTIÇADO

Papai Noel foi contratado para distribuir brinquedos na festa do Natal dos trabalhadores. Ao ver o Ministro do Trabalho, expôs-lhe a situação: - Ministro, nossa profissão ainda não foi regulamentada. Assim, faça alguma coisa por nós.

- Como, se você e seus colegas só trabalham alguns dias por ano?

- Perdão, mas, ainda que fosse um dia apenas, é trabalho regular, e em condições desfavoráveis.

Ser Papai Noel na Europa é fácil, aqui o senhor não faz idéia. Além disso,

passamos o ano inteiro à espera do Natal, com capacidade ociosa. O Ministro prometeu estudar o caso, mas acabou indeferindo a petição, com fundamento em parecer da assessoria, segundo o qual Papai Noel não existe.

(DRUMMOND, C. A. (org.). *Carlos Drummond de Andrade, poesia e prosa*. Rio de Janeiro:

Nova Aguilar, 1992, p. 1305.)

10. As informações entre parênteses indicam as relações sintático-semânticas estabelecidas nos enunciados abaixo.
- 0-0) "Papai Noel foi contratado para distribuir brinquedos na festa de Natal dos trabalhadores. Ao ver o Ministro do Trabalho, expôs-lhe a situação" (finalidade / temporalidade)
- 1-1) "– Ministro, nossa profissão ainda não foi regulamentada. Assim, faça alguma coisa por nós." (temporalidade / adição)
- 2-2) "Como, se você e seus colegas só trabalham alguns dias por ano?" (causalidade / condicionalidade)
- 3-3) "– Perdão, mas, ainda que fosse um dia apenas, é trabalho regular, e em condições desfavoráveis." (oposição / temporalidade)
- 4-4) "Mas acabou indeferindo a petição com fundamento em parecer, segundo o qual Papai Noel não existe." (oposição / conformidade)
11. Julgue os itens abaixo, acerca dos recursos de morfossintaxe e semântica utilizados no Texto 6 .
- 0-0) O título seria 'O trabalhador justificado', caso o pedido de Papai Noel tivesse sido deferido.
- 1-1) Assim como 'postulação', 'solicitação' e 'apelo' pertencem ao campo de significação de 'petição', 'código', 'princípio' e 'preceito' pertencem ao campo de 'regulamento'.
- 2-2) Os vocábulos 'trabalhador' e 'operário' são formados por derivação com sufixos de sentido idêntico.
- 3-3) Os vocábulos 'indeferir' e 'desferir' apresentam prefixos semanticamente equivalentes.
- 4-4) Embora o vocábulo 'ociosidade' não seja formado por prefixação, seus sinônimos 'desocupação' e 'inatividade' o são e apresentam prefixo de sentido negativo.

## TEXTO 7

### O TRABALHO INFANTO-JUVENIL

A participação da população infanto-juvenil – 10 a 17 anos de idade (PNAD)<sup>1</sup> – no mercado de trabalho é consequência de um conjunto de fatores. Dentre eles devem ser destacados, como mais relevantes, a necessidade de contribuir para a sobrevivência familiar, dado o alto nível de pobreza existente, e a incapacidade da escola para satisfazer as expectativas e, portanto, reter as crianças das populações mais carentes.

Durante a década de 80, os elementos contextuais que determinaram o trabalho infanto-juvenil foram a crise econômica que se abateu sobre o país, a continuidade do processo de urbanização e a variação observada na dinâmica de crescimento da população, com a queda nas taxas de fecundidade.

É importante ressaltar que os dados oficiais ainda são subestimados, considerando que não estão aí registradas as informações referentes às crianças com menos de 10 anos de idade. No entanto, é visível, de uma parte, o crescente contingente de crianças nesta faixa etária que desenvolve diferentes atividades nos centros das grandes e médias cidades brasileiras. (...)

As crianças de 10 a 14 anos de idade na área urbana eram as que apresentavam menor participação no mercado de trabalho, ao redor de 12% em 1989. Na área rural é onde a incorporação dos filhos ao trabalho, como estratégia de sobrevivência familiar, prevalecia com maior intensidade, afetando mais de um terço das crianças.

Com relação à taxa de atividade dos jovens de 15 a 17 anos, verificou-se uma estabilidade no contexto rural durante a década – aproximadamente 60% –, o que não aconteceu no caso da zona urbana, uma vez que, entre 1981 e 1989, a taxa passou de um patamar de 35% para outro de 40%. É razoável supor que essa diferença reflita a transferência de parte dos adolescentes da zona rural para a zona urbana, devido ao uso da tecnologia no campo, com liberação da mão-de-obra, inclusive a jovem, e à maior atividade na área urbana.

(*Crianças e adolescentes em Pernambuco* – saúde, educação e trabalho. Governo de Pernambuco/ UNICEF, agosto 1992, p. 82.)

1. A PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – levanta informações sobre trabalho a partir dos 10 anos de idade. Portanto, na análise do trabalho desenvolvido subsequentemente, considera-se infanto-juvenil apenas a população de 10 a 17 anos de idade.

12. Os enunciados abaixo sintetizam os parágrafos do Texto 7.

- 0-0) 1º§ – Informação sobre trabalhos desenvolvidos por menores.
- 1-1) 2º§ – Situação do menor na década de 80.
- 2-2) 3º§ – Participação de menores de 10 anos no mercado de trabalho.
- 3-3) 4º§ – Influência familiar sobre o trabalho de crianças.
- 4-4) 5º§ – Efeitos da tecnologia e da maior atividade na área urbana sobre o trabalho dos jovens de 15 a 17 anos.

13. Os enunciados abaixo estabelecem relações de causa e consequência.

- 0-0) A necessidade de complementação de renda para satisfação das necessidades básicas das famílias pobres incentiva o trabalho precoce.
- 1-1) O quadro de pauperização em que se situa grande parte da população é o principal determinante do trabalho de crianças e jovens.
- 2-2) A falta de acessibilidade à escola e a baixa relevância da educação para as crianças pobres influenciam a opção pelo trabalho em detrimento da escola.
- 3-3) O fenômeno de esvaziamento do campo, ocorrido concomitantemente ao processo da crise econômica do país, limitou as possibilidades de absorção da mão-de-obra nos setores urbanos.
- 4-4) Os dados revelam as diversas formas de exploração do trabalho infanto-juvenil, mesmo sem levar em conta o trabalho não remunerado realizado no próprio seio familiar.

É importante lembrar que é na área urbana que a PNAD pode ter o maior nível de subestimação do trabalho de menores, por ser um tanto inadequada para captar o mercado informal de trabalho, justamente onde as crianças podem estar participando mais intensivamente. Por outro lado, as crianças da área rural trabalhavam em níveis similares aos dos jovens da zona urbana.

14. Os segmentos sublinhados são parte de construções que expressam valores de gradação utilizadas no fragmento acima.

- 0-0) “a PNAD pode ter o maior nível de subestimação”
- 1-1) “nível de subestimação do trabalho de menores”
- 2-2) “a PNAD (...) por ser um tanto inadequada para captar o mercado informal de trabalho”
- 3-3) “justamente onde as crianças podem estar participando mais intensivamente”
- 4-4) “as crianças da área rural trabalhavam em níveis similares aos dos jovens da zona urbana”

## TEXTO 8

### O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

Era ele que erguia a casa  
 Onde antes só havia chão.  
 Como um pássaro sem asas  
 Ele subia com as casas  
 Que lhe brotavam da mão.  
 Mas tudo desconhecia  
 De sua grande missão:  
 Não sabia, por exemplo,  
 Que a casa de um homem é um templo  
 Um templo sem religião  
 Como tampouco sabia  
 Que a casa que ele fazia

Sendo a sua liberdade  
 Era a sua escravidão. (...)  
 Mas ele desconhecia  
 Esse fato extraordinário:  
 Que o operário faz a coisa  
 E a coisa faz o operário.  
 De forma que, certo dia  
 À mesa, ao cortar o pão  
 O operário foi tomado  
 De uma súbita emoção  
 Ao constatar assombrado  
 Que tudo naquela mesa  
 – Garrafa, prato, facão –

|                            |                            |
|----------------------------|----------------------------|
| Era ele quem os fazia      | Foi dentro da compreensão  |
| Ele, um humilde operário,  | Desse instante solitário   |
| Um operário em construção. | Que, tal sua construção    |
| Olhou em torno: gamela     | Cresceu também o operário  |
| Banco, enxerga, caldeirão  | Cresceu em alto e profundo |
| Vidro, panela, janela      | Em largo e no coração      |
| Casa, cidade, nação!       | E como tudo que cresce     |
| Tudo, tudo o que existia   | Ele não cresceu em vão.    |
| Era ele quem o fazia       | Pois além do que sabia     |
| Ele, um humilde operário   | – Exercer a profissão –    |
| Um operário que sabia      | O operário adquiriu        |
| Exercer a profissão. (...) | Uma nova dimensão:         |
|                            | A dimensão da poesia.      |

(MORAES, M. V. *Antologia poética por Vinicius de Moraes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p. 205.)

15. As afirmativas abaixo referem-se às idéias contidas no Texto 8.

- 0-0) No início do poema, o autor coloca o trabalhador de construção como referência de pessoas cujo trabalho mecânico leva à alienação.
- 1-1) O processo de reificação, referido nos versos “Que o operário faz a coisa / E a coisa faz o operário”, reforça o significado do título “O operário em construção”.
- 2-2) Na segunda estrofe, o poeta alude ao ímpeto emotivo que o processo da descoberta consciente provoca no operário.
- 3-3) As idéias desenvolvidas no poema sugerem uma atitude não de ruptura do operário com sua profissão, mas de evolução, em que o trabalhador se conscientiza da dupla dimensão do seu fazer.
- 4-4) O texto é um poema de caráter social, que descreve a trajetória de um operário que se torna poeta.

16. A análise do texto 8 nos leva a concluir:

- 0-0) a preposição “em” permite, na expressão-título do poema, uma dualidade de sentidos: indica lugar e processo.
- 1-1) no sexto verso, o poeta utiliza o verbo ‘desconhecer’ no pretérito imperfeito, por estar conjecturando sobre uma realidade, sem, no entanto, descrevê-la.
- 2-2) o poeta faz comparações paradoxais e dá-lhes uma configuração de estranhamento: a casa é um templo não religioso; a casa é uma liberdade que escraviza.
- 3-3) para destacar o crescente impacto vivido pelo operário em seu processo de conscientização, o poeta usa do recurso da gradação em “Casa, cidade, nação!”.
- 4-4) os verbos ‘subir’ e ‘crescer’ explicitam o contraste entre o operário passivo e acomodado de “Ele subia com as casas” e o operário ativo e consciente de: “Cresceu em alto e profundo / Em largo e no coração”.

### A língua do Brasil amanhã

Ouvimos com frequência opiniões alarmantes a respeito do futuro da nossa língua. Às vezes se diz que ela vai simplesmente desaparecer, em benefício de outras línguas supostamente expansionistas (em especial o inglês, atual candidato número um a língua universal); ou que vai se misturar com o espanhol, formando o “portunhol”; ou, simplesmente, que vai se corromper pelo uso da gíria e das formas populares de expressão (do tipo: *o casaco que cé ia sair com ele tá rasgado*). Aqui pretendo trazer uma opinião mais otimista: a nossa língua, estou convencido, não está em perigo de desaparecimento, muito menos de mistura. Por outro lado (e não é possível agradar a todos), acredito que nossa língua está mudando, e certamente não será a mesma.

O que é que poderia ameaçar a integridade ou a existência da nossa língua? Um dos fatores, freqüentemente citado, é a influência do inglês – o mundo de empréstimos que andamos fazendo para nos expressarmos sobre certos assuntos.

Não se pode negar que o fenômeno existe; o que mais se faz hoje em dia é surfar, deletar ou tratar do *marketing*. Mas isso não significa o desaparecimento da língua portuguesa. Empréstimos são um fato da vida, e sempre existiram. Hoje pouca gente sabe disso, mas *avalanche*, *alfaiate*, *tenor* e *pingue-pongue* são palavras de origem estrangeira; hoje já se naturalizaram, e certamente ninguém vê ameaça nelas.

Quero dizer que não há o menor sintoma de que os empréstimos estrangeiros estejam causando lesões na língua portuguesa; a maioria, aliás, desaparece em pouco tempo, e os que ficam se assimilam. O português, como toda língua, precisa crescer para dar conta das novidades sociais, tecnológicas e culturais; para isso, pode aceitar empréstimos – *ravióli*, *ioga*, *chucrute*, *balé* – e também pode (e com maior freqüência) criar palavras a partir de seus próprios recursos – como *computador*, *ecologia*, *poluição* – ou estender o uso de palavras antigas a novos significados – *executivo* ou *celular*, que significam hoje coisas que não significavam há vinte anos.

Mas isso não quer dizer que a língua esteja em perigo. Está só mudando, como sempre mudou, se não ainda estaríamos falando latim. Achar que a mudança da língua é um perigo é como achar que o bebê está “em perigo” de crescer.

Não estamos em perigo de ver nossa língua submergida pela maré de empréstimos ingleses. A língua está aí, inteira: a estrutura gramatical não mudou, a pronúncia é ainda inteiramente nossa, e o vocabulário é mais de 99% de fabricação nacional.

Uma atitude mais construtiva é, pois, reconhecer os fatos, aceitar nossa língua como ela é, e desfrutar dela em toda a sua riqueza, flexibilidade, expressividade e malícia.

(Mário A. Perini. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, pp. 11-24. Adaptado).

17. A idéia central que perpassa o texto 1 poderia ser sintetizada nos termos que se seguem.

- A) A língua inglesa, graças à sua prática expansionista, representa, no momento, a possibilidade de tornar-se uma língua universal e única.
- B) As mudanças de uma língua não constituem ameaça à sua sobrevivência, mas são simples acomodação às necessidades históricas de seu uso.
- C) Há línguas cuja integridade está ameaçada, devido ao contingente de palavras estrangeiras e à ação corrosiva da gíria e das formas populares de expressão.
- D) Palavras antigas podem assumir novos significados, a partir dos recursos de que a língua dispõe para responder às inovações impostas pela evolução.
- E) A estrutura gramatical, a pronúncia e quase todo o vocabulário da língua portuguesa constituem o núcleo de resistência às mudanças radicais de seu uso.

18. Pela compreensão global do texto, podemos admitir, como conclusão geral, que:

- A) existem línguas passíveis de serem assimiladas e de se tornarem línguas universais.
- B) a influência do inglês é freqüentemente reconhecida como fator de mudança.
- C) são inconsistentes as previsões negativas acerca do futuro da língua portuguesa.
- D) o fenômeno dos empréstimos lingüísticos se naturaliza e pode passar despercebido.
- E) o latim teria sobrevivido historicamente, se fosse uma língua mais rica, mais flexível e expressiva.

19. A tese principal defendida pelo autor se apóia no argumento de que:
- os empréstimos estrangeiros causam lesões na língua, embora sejam efêmeros e assimiláveis.
  - há palavras cujos usos se estenderam e, por isso, receberam novos significados.
  - a língua portuguesa se distingue por ricos padrões de flexibilidade e expressividade.
  - a língua precisa crescer para dar conta das novidades sociais, tecnológicas e culturais.
  - a língua portuguesa tem uma tradição construtiva e merece que dela desfrutemos.
20. No trecho “a nossa língua (...) não está em perigo de desaparecimento, muito menos de mistura”, a expressão sublinhada expressa, e de forma enfática, uma relação de:
- adição.
  - oposição.
  - concessão.
  - explicação.
  - conclusão.
21. Com base no texto 1, analise os comentários que são feitos sobre a função das expressões sublinhadas.
- 1) “*Às vezes se diz que ela vai simplesmente desaparecer*” – a expressão atenua o grau de certeza do que é afirmado.
  - 2) “*a nossa língua, estou convencido, não está em perigo de desaparecimento*” – a expressão marca a adesão do autor acerca do que diz.
  - 3) “*acredito que nossa língua está mudando*” – a expressão explicita, embora subjetivamente, a veracidade do que é dito.
  - 4) “*Não se pode negar que o fenômeno existe*” – o fragmento pretende expressar a irrefutabilidade dos fatos.
  - 5) “*hoje já se naturalizaram, e certamente ninguém vê ameaça nelas.*” - a expressão indica a probabilidade de verdade do que é afirmado.
  - 6) “*O português, como toda língua, precisa crescer*” – o fragmento corrobora a natureza taxativa da afirmação feita.
- Estão corretas:
- 1, 2, 3, 4, 5 e 6
  - 1, 2, 3 e 5 apenas
  - 2, 3, 4, 5 e 6 apenas
  - 1, 2 e 4 apenas
  - 2, 3 e 6 apenas
22. No trecho: “Uma atitude mais construtiva é, pois, reconhecer os fatos, aceitar nossa língua como ela é”, a expressão destacada:
- sinaliza oposição e equivale a ‘no entanto’.
  - indica conclusão e equivale a ‘portanto’.
  - inicia uma explicação e equivale a ‘que’.
  - exprime temporalidade e equivale a ‘logo’.
  - expressa comparação e equivale a ‘como’.

## TEXTO 2

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A esse respeito, a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade.

Mas isto é um fato incontestável, e se é verdadeiro o princípio que dele se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e a dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão.

Feitas as exceções devidas, não se lêem muito os clássicos no Brasil. Entre as exceções, poderia eu citar até alguns escritores cuja opinião é diversa da minha neste ponto, mas que sabem perfeitamente os clássicos. Em geral, porém, não se lêem, o que é um mal. Escrever como Azurara ou Fernão Mendes seria hoje um anacronismo insuportável. Cada tempo tem seu estilo.

(Machado de Assis)

23. Relacionando o texto 2 com o texto 1, constatamos que ambos desenvolvem a mesma temática e se identificam, quando reconhecem:

- 1) a natural evolução a que estão sujeitas as línguas na adaptação aos usos e costumes sociais.
- 2) a decisiva influência de fatores externos - espaciotemporais - no destino das línguas.
- 3) a flexibilidade das línguas como um fenômeno incontestável.
- 4) a hegemonia de uma língua, devido a sua possível tendência universalizante.
- 5) a riqueza, a flexibilidade e a expressividade dos clássicos de uma língua.

**Estão corretas:**

- A) 1, 2 e 3 apenas
- B) 2, 4 e 5 apenas
- C) 3 e 5 apenas
- D) 1, 2, 3 e 5 apenas
- E) 1, 2, 3, 4 e 5

24. Confrontando, ainda, ambos os textos, percebemos que o texto 2, explicitamente:

- 1) mostra-se mais restritivo ("*A influência popular tem um limite*").
- 2) revela-se mais cauteloso ("*não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem*").
- 3) evidencia visões preconceituosas ("*depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão*").
- 4) defende um estilo homogêneo e atemporal ("*Cada tempo tem seu estilo*").
- 5) atribui ao escritor um papel signficante na condução das mudanças lingüísticas ("*ele exerce também uma grande parte de influência*").

**Estão corretas:**

- A) 1, 3 e 4 apenas
- B) 1, 2, 3 e 5 apenas
- C) 2 e 3 apenas
- D) 4 e 5 apenas
- E) 1, 2, 3, 4 e 5

25. Segundo o texto 2, analise a correspondência de sentido entre as expressões abaixo e assinale a alternativa em que essa correspondência está indicada corretamente.

- A) 'fato incontestável' – 'fato irreversível'.
- B) 'o princípio que dele se deduz' – 'o princípio que dele se propaga'.
- C) 'dar curso a' – 'ir de encontro a'.
- D) 'depurando a linguagem' - 'depreciando a linguagem'.
- E) 'anacronismo insuportável' - 'aversão insuportável aos costumes hodiernos'.